

O LUGAR, A PAISAGEM E A CULTURA RIBEIRINHA NO RIO DE ONDAS – BARREIRAS – BAHIA

Evanildo Santos Cardoso

Prof. Dr. do curso de Geografia – UFBA
evanildo@ufba.br

Maria Geralda de Almeida

Prof. Dra. do curso de Geografia – UFG
mgdealmeida@gmail.com

RESUMO

A Geografia Cultural renovada tem, nos últimos trinta anos, revelado outros olhares, reflexões e especialmente problematizações sobre o espaço com a percepção crítica e humanista sobre as paisagens, os lugares e os territórios. Este artigo é o resultado de leituras sobre comunidades ribeirinhas do baixo curso do Rio de Ondas, município de Barreiras – Bahia e faz parte da Tese de Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Goiás bem como do projeto de pesquisa *Apropriação do Território e dinâmicas sociambientais no Cerrado: biodiversidade, biotecnologia e saberes locais*². Propomo-nos a compreender como é construída a paisagem e o lugar pelas populações tradicionais ribeirinhas e de que forma essas categorias de análise revelam outras formas de (re) construção do espaço vivido diante de intervenções valorativas que vêm alterar relações singulares devido ao surgimento de problemas socioambientais.

Palavras-chave: Rio de Ondas. Paisagem. Lugar. Populações tradicionais.

THE PLACE, THE LANDSCAPE AND THE RIVERINE CULTURE ALONG ONDAS RIVER – BARREIRAS – BAHIA

ABSTRACT

The renewed Cultural Geography has, in the last thirty years, revealed other perspectives, reflections and specially problem-posing about the space with the critical and humanist perception about the landscapes, the places and the territories. This article is the result of different analyses on the riverine communities of the lower Ondas river, Barreiras municipality - Bahia state and it belongs to the Geography doctoral degree thesis in the Federal University of Goiás and also to the research project *Territory appropriation and socio-environmental dynamics in the Cerrado: biodiversity, biotechnology and local knowledge*. The main goal is to understand how the landscape and the place is built by the traditional riverine populations and in what manner these analyses categories present other (re)construction ways of the space in which one lives facing the value interventions that have come to change the singular relations caused by the socio-environmental problems appearance.

Keywords: Ondas River. Landscape. Place. Traditional populations.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda uma investigação da cultura em comunidades ribeirinhas, ou melhor, em comunidades beiradeiras³ no baixo curso do rio de Ondas - Barreiras – BA. O texto possui uma

Recebido em 05/07/2012

Aprovado para publicação em 30/07/2013

² Apoio do Cnpq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

³ Expressão que ARAÚJO (1961, p.9) também utilizou quando investigou as populações do baixo curso do rio São Francisco: "beiradeiro é o vocábulo usado para nomear o morador ribeirinho do baixo São Francisco. Este é o seu sentido regional, envolve, porém, em parte, aquele já dicionarizado (Laudelino Freire) de morador rústico nas proximidades das vilas sertanejas". Em nosso estudo foi constatado que os moradores se identificam também com esse termo no baixo curso do rio de Ondas mais pelo sentido de conviver com o rio, trabalhar na roça e com o gado,

abordagem geográfica da cultura na contemporaneidade e se preocupa em compreender como é construída a paisagem e o lugar pelas populações tradicionais ribeirinhas do baixo curso do rio de Ondas. Quando a essas nos referirmos utilizaremos a denominação “beiradeiros”, pois assim se autodenominam.

As categorias de análise do espaço paisagem e lugar são adotadas em vários trabalhos sobre comunidades tradicionais e em especial àqueles desenvolvidos no domínio dos cerrados. Na verdade, não há somente uma visão de paisagem e nem de lugar, pois a cultura existente é protagonizada por vários atores que intervêm na paisagem de forma a atribuir tanto um valor identitário quanto comercial. A busca por uma visão autêntica da paisagem e do lugar revela formas de persistência da cultura ribeirinha diante da valorização de outros modos de vida baseados na acumulação de bens e na reprodução do consumo de paisagens consideradas “selvagens”.

Para tanto, em um primeiro momento, apoiamos-nos em autores que fazem uma análise sobre a construção dos conceitos de paisagem e de lugar na Geografia com múltiplas interpretações do espaço habitado. Para estabelecer um elo entre a teoria e a prática apresentamos em um segundo momento uma comunidade tradicional denominada de Vau da Boa Esperança. Nela foram identificados os sujeitos que dinamizam as ações na paisagem e mantém laços de pertencimento com forte peso familiar. Definimos que essa comunidade persiste na paisagem e no lugar diante de toda valorização econômica no platô da Serra Geral marcada pela monocultura da soja.

Em um terceiro momento, a comunidade é apresentada a partir de outras formas de valorização da terra: a expansão de segundas residências, a exploração de manganês e tálio e a tentativa de implantação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs). Os ciclos econômicos, que marcaram o desenvolvimento quase que em passos lentos do município, tem sua origem na modernização das atividades produtivas a partir da década de 1980 com a monocultura da soja. Atualmente constatam-se interesses pela exploração de recursos energéticos e de novos materiais para o uso de tecnologias mais avançadas.

A PAISAGEM E O LUGAR NA GEOGRAFIA

A categoria de análise paisagem possui um campo amplo de estudos na Geografia cultural. Ela se consolida como tema de estudo e passa a ser objeto de análise em diversos trabalhos desde a descrição das formas no século XVII, uma visão positivista, à visão crítica e humanista ao final do século XX. No Ocidente, a paisagem é valorizada pelas pinturas, literatura, jardins e parques europeus com forte apelo ao paisagismo. Quando se expressa com o termo *Landshaft* pós século XVIII na Geografia Alemã, a paisagem passa a ter uma realidade mais objetiva (científica). Luchiarri (2001) diz que a paisagem, até o século XVIII, era sinônima de pintura e que o conceito foi caracterizado por um conflito entre a objetividade e a subjetividade. A objetividade estava calcada puramente na materialidade do objeto estudado, ou seja, na descrição das formas. A subjetividade, ao contrário, privilegiou o sentido explicativo dos elementos da paisagem.

As paisagens representadas pelos pintores denunciam o momento do indivíduo: depressão, alegria e movimento. Os invernos rigorosos, o verão e suas cores influenciam o observador que retrata a paisagem sob múltiplos olhares: os expressionistas e impressionistas revelam a natureza como paisagem ou natureza habitada. A técnica sobre os quadros dos pintores predomina e não se pode mais distinguir paisagem e natureza. O poder sobre a natureza diminui o fosso existente até então com o homem. A pintura em um primeiro momento é produto da sensibilidade e do romantismo dos pintores, em segundo revela o poder sobre a natureza. Claval (2004, p.15), em sua análise da representação cultural na pintura salienta que “tudo aquilo o que se vê são bosques, colinas, rios e lagos: não existem as linhas retas”, ou seja, a materialidade como método expressa fragmentos da natureza e limita os ângulos de análise resultante de uma escolha na base de representação do observador.

uma cultura própria do que em relação ao estereótipo que demarcam diferenças com os habitantes da cidade cuja concepção ainda presente são os beiradeiros, iletrados e preguiçosos.

Corrêa (1995) analisou o desenvolvimento dos estudos da paisagem pela via da observação e descrição, ao destacar que Friedrich Ratzel, ao final do século XIX, construiu com a antropogeografia um estudo da relação entre o meio (paisagem) e o homem. A relação desse último com a paisagem se dá em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais disponíveis.

O homem é determinado pelas condições materiais e pela sua capacidade técnica para modificar o meio. Os campos das esferas naturais e humanas nesse âmbito de discussão são definidos, a ponto de haver uma destacada importância do determinismo ambiental sobre as ocupações humanas. Vidal de La Blache, na mesma época, formulou o possibilismo geográfico na França com maior destaque ao termo “gêneros de vida” ao humanizar as paisagens, e ao destacar a cultura, em níveis de conhecimento e desenvolvimento na transformação da natureza.

No início do século XX quando a escola de Berkeley nos Estados Unidos liderada por Carl Sauer rediscute a paisagem, outras visões e conceitos são elaborados e influenciados pelos estudos do possibilismo. As diferenciações de modos de vida e do manejo de técnicas agrícolas permitiram identificar regiões funcionais e estabeleceram o surgimento da paisagem cultural, pautada na materialidade da cultura, ou seja, a paisagem vista pela cultura material.

Sauer (2004), por sua vez, a partir da década de 1920, se inspirou nos postulados de Walter Penck e William Morris Davis que desenvolviam teorias geomorfológicas com explicações sobre a gênese e evolução do relevo. Essas bases interpretativas nos estudos de Carl Sauer se destacam como interdependentes na construção de uma paisagem cultural na qual o homem é considerado como fator morfológico:

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado. A paisagem natural é evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com as quais a paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura. (SAUER, 2004, p.59).

Esse geógrafo contribuiu pelo olhar na interdisciplinaridade e na percepção ambiental nos estudos culturais abrindo um leque de discussões em vários campos de conhecimento. A partir da segunda metade do séc. XX, porém, há uma evolução técnica nos estudos das paisagens pela Geografia Física com a visão espacial (geográfica) e a funcional (ecológica). O aparecimento do termo geossistema, por Sothava (1960), à luz da Teoria Geral dos Sistemas, ousa interpretar a paisagem e todo seu instrumento acumulado em mais de 100 anos. (RODRIGUEZ, 2004).

Entretanto, e na tentativa de fugir do tratamento genético da cultura ou nos aspectos naturais da paisagem a Geografia Humanista cunhou em suas análises espaciais: a paisagem e o lugar como categorias de análises diversas sobre a forma de pensar e viver o mundo a partir da década de 1970 e em especial, a Geografia Cultural Renovada a partir da década de 1980.

Cosgrove (2004, p. 99) como uma compreensão da dimensão social da paisagem argumenta que essa categoria sempre esteve ligada à cultura, às formas visíveis sobre a superfície da terra numa análise histórica do conceito:

Assim, a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente.

Na Geografia Cultural Renovada a paisagem cultural pode ser apreendida com um olhar sofisticado, ou seja, lida como um texto e possuidora de uma dimensão social. Cosgrove (2004) e Duncan (2004) são os principais geógrafos a renovarem os conceitos de paisagem cultural. Dessa forma, simbolicamente, elas podem ser representadas também por vários documentos, instrumentos e fontes diversas, tais como: poemas, pinturas, músicas, filmes e contos como um

aparato técnico e metodológico. O mapa, como não poderia deixar de ser, constitui-se na principal ferramenta simbólica dessa paisagem construída por camadas de significados.

Tanto a paisagem quanto o lugar, são, para o geógrafo revelações de laços que unem homem e natureza por meio da cultura. A prática cultural é, nesse sentido, vivenciada mais que percebida e somente possível de apreender com o contato, o diálogo e melhor ainda com o tempo para observar e ouvir. O lugar proporciona esse encontro e reencontro acolhedor, necessário e autêntico, como se todas as outras formas de relação não fossem suficientes e nem fizessem esquecer nem apagar o lugar de origem, presente na alma.

Nessa abordagem do lugar fica implícito o conceito de topofilia, ainda importante nos estudos fenomenológicos, onde a casa é o espaço internalizado pelo indivíduo: “a casa como lugar está cheia de objetos comuns. Nós os conhecemos através do uso; não lhes prestamos atenção como fazemos com as obras de arte. Eles são quase uma parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos” (TUAN, 1983, p.159). Essa percepção reforça a ideia de uma singularidade a respeito das coisas e pessoas, na medida em que a intimidade atribuída aos elementos materiais é absorvida pela cultura local.

Nesse sentido, a Geografia Cultural desconsidera a concepção sistêmica nos estudos subjetivos da paisagem e sua releitura, na década de 1970, possui um enfoque humanista e fenomenológico. De acordo com Holzer (2003) a concepção de lugar ganha notoriedade a partir da década de 1920, quando Carl Sauer já esboçava a fenomenologia em sua “morfologia da paisagem” e, a partir da década de 1960 nos estudos humanistas de Tuan.

A paisagem do ponto de vista crítico da corrente renovada transmite sempre uma ideia, já que, segundo seus representantes, da pré-modernidade à contemporaneidade ela exerce um papel na transmissão de valores e relações sociais conflituosas. Se antes a sua característica diferenciava campos agrícolas, zonas industriais e artesanais, atualmente, são paisagens de consumo. Pela compreensão que Almeida (2008) nos apresenta paisagem não é somente um conjunto de relações entre os objetos presentes em um dado lugar é, sobretudo, a percepção subjetiva desses objetos e relações. A geógrafa considera que muitas vezes negligenciada em sua essência as paisagens são dinamizadas pelos sujeitos em seus sistemas culturais, por isso são permanentes e também cambiantes.

Os geógrafos dessa linha de pensamento desenvolvem agendas culturais para a Geografia neste século XXI. Destacam-se a pluralidade de temas a serem investigados como a peregrinação a santuários, as diferenças de gênero no campo do trabalho, a influência das redes na organização do espaço econômico, os espaços de consumo nos shoppings, os movimentos dos jovens *punks* e *skinheads* dentre outros.

Essa diversidade de temas incita o geógrafo a procurar apreender a realidade pertinente às paisagens e aos lugares a partir da mobilidade espacial dos homens. Pelo que compreende Claval (2001) as paisagens não são realidades objetivas, seu papel na vida dos grupos humanos é mais complexo do que geralmente se pensa. Elas desempenham o papel de suporte de mensagens e de símbolos.

Nessas abordagens culturais renovadas o geógrafo que realiza uma leitura espacial da cultura passou a entender que a paisagem como realidade objetiva, deixa de ser apreendida para dar lugar à concepção de outras comunidades e povos sobre conceitos, gostos, atitudes e valores.

Duncan (2004, p. 92) faz uma crítica contundente ao geógrafo quanto à postura de investigador ao estudar a cultura:

Os geógrafos culturais, que ironicamente pouco se interessaram pela cultura, voltaram sua atenção quase que exclusivamente para os artefatos. Através dos anos, inúmeros artigos em periódicos se dedicaram ao tópico da distribuição regional – e, ocasionalmente, da difusão de celeiros, de cercas, ou “conjuntos” de paisagens, dos quais se dizia que revelavam regiões culturais ou focos culturais.

A crítica marcante acima revigora a discussão do caráter ativo da cultura que exclui qualquer descrição pura dos objetos na análise geográfica. Não que os mesmos devam ser considerados sem importância, mas sim como elementos integrantes de uma cultura socialmente construída por contradições.

Do ponto de vista do pesquisador é necessário articular as visões e entendê-las como um pensamento intersubjetivo de como viver e construir as paisagens e os lugares. Nesse sentido, as populações ribeirinhas trazem consigo um sentimento forte de afeição ao lugar pelo vínculo construído com a terra principalmente como meio de sobrevivência. Essa característica reconstrói uma paisagem vivenciada historicamente e passível de ser lida como um texto e por diferentes significados: lar, oportunidades, encontros, disputa e conflitos.

VAU DA BOA ESPERANÇA: PRIMEIROS OLHARES NA CULTURA RIBEIRINHA

As comunidades ribeirinhas do baixo curso do rio de Ondas localizam-se cerca de 40 Km de distância da sede municipal e o acesso pode ser feito por dois caminhos: saindo da sede pela BR 242 e seguindo posteriormente por estrada de terra e um outro pelo centro da cidade por um atalho paralelo ao rio até chegar no local.

O nome Vau da Boa Esperança⁴ se deve à travessia no rio de Ondas de comerciantes, os chamados tropeiros, em tropas de burros vindas de Goiás com o objetivo de adquirirem mercadorias no porto do rio Grande em Barreiras, tais como: sal, carne, café, tecidos, calçados dentre outros mantimentos e utensílios.

A formação das famílias vem de um tronco comum, dos “capitães” que acumularam terras e comandaram o trabalho nas oficinas de farinha e de cana a partir do século XIX e até a década de 1960.

A relação com a cidade de Barreiras e seu porto ao final do século XIX e início do XX, se deu basicamente com o comércio dos produtos agrícolas como feijão, galinha, porcos, farinha, rapadura. O porto beneficiava comerciantes e pequenos agricultores, que iam comprar em Barreiras barras de sal e de café para serem pilados em casa e depois serem utilizados no preparo das refeições. Após três dias de viagem traziam os gêneros necessários para casa: café, sal, tecidos e calçados, dentre outros mantimentos.

Nesse período, décadas de 1940 e 1950, a dinâmica na cidade de Barreiras em relação ao transporte de mercadorias e de pessoas ainda era marcante visto tratar-se de uma cidade eminentemente dependente do transporte fluvial o qual permitia a polarização da economia barreirense em relação aos outros distritos e municípios.

Atualmente, mesmo com o crescimento econômico proporcionado pela monocultura de grãos, a comunidade ainda apresenta formas sociais de produção baseadas na agricultura, pecuária, caça, no manejo das plantas medicinais e no extrativismo vegetal. As moradias, salvo àquelas pertencentes a uma mesma família, distanciam-se consideravelmente o que demonstra baixa densidade demográfica variando entre pequenas e médias propriedades rurais. As comunidades são detentoras de modos de vida particulares e diferenciados (encontram-se com similares características com os barranqueiros, geraizeiros e/ou cerradeiros⁵). Os espaços de representação ainda são cultuados, tais como a igreja, a casa, o cemitério, as oficinas⁶ de farinha, que denotam uma organização ímpar e necessária para manterem as práticas culturais vivas e permanentes. As representações do espaço, lembranças, valores e sonhos, coexistem. Vistos por esse ângulo são os lugares da ação e de situações vividas.

Ao fundo das moradias, encontra-se o lugar do trabalho, como são as oficinas de farinha, um mundo ímpar de significados materiais e simbólicos. Materiais pelo fato de conterem elementos que permitem a execução das tarefas de produção da farinha e de seus derivados. Simbólicos

⁴ Antes a região toda era denominada de Boca do Gerais posteriormente foi batizado de Vau da Boa Esperança de acordo com relatos de membros da comunidade em entrevista de 4 de julho de 2010. Em outros documentos é grafada a denominação Val da Boa Esperança, porém, optamos por utilizar Vau com o significado de travessia.

⁵ Almeida (2008) reúne diversas identidades sertanejas para designar diferentes povos no sertão: geraizeiros ou cerradeiros, caatingueiros, vazanteiros ou barranqueiros.

⁶ Esse termo explica as etapas de preparação dos derivados da mandioca e possui semelhança com a descrição de Andrade (1964) sobre a oficina de carne do Ceará na Foz do rio Jaguaribe.

por representarem um espaço de vivência e história de muitos homens em busca da sobrevivência. No processo de fabricação da farinha a participação familiar é extremamente importante. As etapas dividem-se conforme a quantidade necessária para serem vendidas na feira da cidade, em exposições agropecuárias e em outros eventos de natureza científica.

A colheita preferencialmente ocorre no período seco tanto os homens quanto as mulheres participam dessa etapa para raspar a mandioca e prensá-las. Depois de prensada a mandioca é retirado o caldo venenoso (ácido cianídrico) a massa é separada para o beiju e para a farinha.

Os homens são os maiores responsáveis em exercer a fase de torrefação da farinha visto que é necessário imprimir um maior esforço físico que depois de pronta é ensacada e levada ao Centro de Abastecimento da cidade de Barreiras onde funciona a feira aos sábados. O prato da farinha é vendido a R\$ 3,00 ou R\$ 4,00 e para alguns compradores a farinha do 'Vau' é a mais conhecida e melhor da região.

A produção das oficinas é toda vendida para a Central de Abastecimento que distribui para outras casas comerciais além da venda no local aos feirantes que também adquirem outros produtos derivados da mandioca. Além da farinha, os beijus, bolos e biscoitos são vendidos em um *box* de lanche sob a responsabilidade das mulheres. O beiju pode ser recheado com presunto ou queijo, como também à moda tradicional, somente com manteiga e acompanhado por café. O produto é bastante apreciado pelos visitantes.

Na comunidade, homens e mulheres são detentores de conhecimentos sobre a vida e a natureza onde se agregam "novos textos" e demonstram a instabilidade e dinamicidade de suas ações no tempo e no espaço. Nesse sentido, é rico o conhecimento das espécies do Cerrado pelos mais velhos como portadores de conhecimento de uma cultura que foi transmitido por gerações e que corre o risco de não mais ser transmitida nas relações com os mais jovens.

Os membros mais antigos da comunidade interiorizam o espaço e a natureza, integrados às suas próprias vidas. Para esses sujeitos conservar o natural é levar em consideração suas interações, suas práticas cotidianas, econômicas, simbólicas e materiais. O Sr. Arnaldo Soares⁷, 67 anos, é exemplo de pequeno agricultor do "Vau" e que nasceu no Morrão, localidade ribeirinha às margens do rio Grande quando veio morar às margens do rio de Ondas no início da década de 1980.

O Sr. Arnaldo Soares mora sozinho depois que ficou viúvo há nove anos e quando seus filhos foram morar na cidade em busca de melhores oportunidades profissionais. Seu conhecimento sobre as espécies da flora do Cerrado e seus diversos usos é vasto, além de conhecer as espécies de animais para caça. Em relação ao aproveitamento de parte da riqueza do Bioma Cerrado é valioso o conhecimento que possui sobre as espécies medicinais - para tosse e inflamação da garganta o assa-peixe (*Vernonia sp.*), o barbatimão (*Stryphnodendron sp.*), a quina (*Kiellmeyera spp.*), a macela (*Achyrocline satureoides*), a flor do cerrado (*Caliandra dysantha*). As comestíveis são o baru (*Anacardium spp.*), o ingá (*Inga uruguensis*), a mangaba (*Hacornia speciosa*), o buriti (*Mauritia flexuosa*), o murici (*Byrsonima verbascifolia*), o jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), o araticum do cerrado ou bruto (*Annona crassiflora*) que também serve para tratar diarreia e controle da menstruação. Para produzir madeira e ornamentar casas é bom utilizar a madeira do pau-pombo (*Tapirira guianensis*).

A riqueza ecológica e o grau de sua conservação estão intimamente associados com as técnicas de manejo da terra e o conhecimento ecológico das gerações mais antigas. A relação entre o uso do Cerrado e o manejo empregado, como salienta Rigonato (2005), torna-se um marco identitário das populações tradicionais.

Essa observação comunga com a seguinte: "[...] não podem existir grupos coerentes, nem de etnia e talvez nem mesmo de cultura, sem um território-portador" e que "a história contempla a busca por grupos e etnias por um território, real, sonhado, habitado ou perdido" (BONNEMAISON, 2002, p.110-112).

Essa forma de viver o lugar e explorar os recursos naturais na paisagem é antiga, remonta ao século XIX, profundamente marcada pela relação com o rio Grande. Magalhães (2007) ao

⁷ Entrevista realizada em 05/12/2010.

esboçar sua preocupação com sua terra natal Correntina, Bahia, destaca que “o povo dos gerais já realizava desenvolvimento sustentável antes mesmo deste termo vir à tona nas discussões ambientais do fim do século XX” (p.208).

Nesse sentido, compreende-se que a noção renovada do lugar e da paisagem nos estudos em Geografia Cultural passa pela mediação por um diálogo de saberes visto que o saber ambiental é um saber sobre esse campo externalizado pela racionalidade econômica, científica e tecnológica da modernidade; mas por sua vez, conota os saberes marginalizados e subjugados pela centralidade do *lógos* científico (LEFF, 2006).

A concepção ambiental com base em um diálogo entre conhecimentos sinaliza para uma necessidade de estudos sobre a interdisciplinaridade ambiental a partir de conhecimentos oriundos dos saberes das comunidades locais. Essas fornecem um conhecimento diferenciado sobre as características básicas e fundamentais nos estudos geocológicos dos tipos de solos para os plantios, das águas para abastecimento das casas e na coleta de frutos e plantas medicinais transformando as paisagens naturais em paisagens culturais. Leff (2001, p. 262) já alertava que a ciência precisa tomar outros rumos:

Se as ciências têm sido o meio eficaz para o domínio e a exploração da natureza e para o controle social na modernidade, o saber tem sido sempre, e continua sendo, o processo que intervém nas formas simbólicas de significação e apropriação do mundo.

O saber ambiental assim como a riqueza cultural é perceptível em vários segmentos da culinária da comunidade Vau da Boa Esperança com os doces das frutas do Cerrado, os bolos, os ginetes, a cachaça e a galinha caipira. As festas religiosas de adorações ao Divino Espírito Santo, Imaculada Conceição, Santo Antônio e São João realizadas em celebrações nas capelas demonstram a expressiva religiosidade católica do lugar.

A organização política é latente na associação de Pequenos Produtores do rio de Ondas, principalmente devido a novos fatos como a possível construção de uma Pequena Central Hidrelétrica e a mineração de manganês e tálio, pois do medo de perderem a terra, de serem expulsos, ou de terem que vendê-las, surgiu a necessidade da realização de reuniões periódicas tanto na comunidade quanto nos conselhos representativos dos poderes legislativo e judiciário.

Por outro viés, as necessidades básicas da comunidade, em sua maioria não são atendidas e dizem respeito à saúde, educação, telecomunicações e estradas pavimentadas. A agente comunitária de saúde Miriam Pereira⁸, 48 anos, destacou em entrevista que a comunidade precisa de uma estrada pavimentada, um posto de saúde e de uma escola com melhor infraestrutura, carências em todas as comunidades. A precariedade no atendimento médico é lamentável visto que os moradores precisam se deslocar para a cidade de Barreiras bem cedo para uma determinada consulta médica que muitas vezes não ocorre por falta de especialistas em algumas áreas.

As agentes de saúde comunitárias exercem além de suas tarefas domésticas e profissionais o acompanhamento do resultado dos exames médicos dos vizinhos mais idosos nos postos de saúde localizados em Barreiras. M. P. atende as famílias e registra as suas enfermidades remetendo o relatório para a Secretaria Municipal de Saúde. Ela ainda leciona para crianças na escolinha da comunidade e organiza a produção e venda da tapioca em eventos anteriormente citados. A Feira agropecuária de 2012 na cidade de Barreiras demonstrou ser um evento de extrema importância para a venda e divulgação dos produtos do Vau da Boa Esperança. Esses foram vendidos com grande aceitação para o público que visitou o parque de exposição durante uma semana no mês de julho.

Porém, essa senhora e seus pares reivindicam a criação de uma tapiocaria para que a produção possa ser vendida de forma mais profissional e gerar mais emprego. A comunidade adquiriu uma feccularia com a EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola) para produzir o polvilho e otimizar o tempo de preparo artesanal dos biscoitos, farinha e beiju.

⁸ Entrevista realizada em 04/06/2010.

Porém, algumas questões de ordem política que envolvem as comunidades ribeirinhas tais como a grilagem de terras, a quase ausência de assistência médica, as promessas eleitoreiras, e o avanço de residências secundárias influenciam o cotidiano dos membros da comunidade tanto na acomodação quanto na reivindicação de direitos fundamentais. Essa situação está em acordo com o seguinte registro de um trabalho realizado na região: “Na grande maioria dos casos de grilagem, nos quais mesclam-se a falsificação de documentos, evidências e testemunhas com a violência privada, são os posseiros as vítimas principais” (IANNI, 1981, p.167).

Essa complicada situação que já dura décadas é explicada parcialmente pela paisagem detentora de muitos recursos naturais. Esses atributos correlacionados com a ausência de políticas públicas de respeito às comunidades tradicionais do Oeste Baiano põe em risco a vizinhança, a história, e a solidariedade como motivadoras do desenvolvimento social local. Essas qualidades tipificam um lugar e sua identidade:

Desta maneira, é nos lugares que a vida social se recria. As relações sociais e territoriais, ali se dão enquanto realidade palpável. E, como os lugares e o mundo formam uma totalidade dinâmica as identidades dos lugares são produzidas constantemente, não são apenas cristalizações do passado, heranças do vivido, mas representações do mundo. Assim podemos pensar em um espaço social híbrido, onde novos e velhos usos do território coexistem com um motor de dinâmica do lugar. (LUCIARI; ISOLDI, 2007, p.166).

Se paisagem e o lugar aproximam o pesquisador de um espaço vivido, construído e reconstruído, é por que neles estão presentes interesses, virtudes e expectativas de mudanças de vida. A comunidade Vau da Boa Esperança possui uma identidade consolidada coletivamente mesmo com a iminência de outros valores culturais sobre a terra/lugar/solo a partir das interações com as inovações técnicas alicerçadas pelo trabalho e organização comunitária.

OS CONFLITOS PELA/NA PAISAGEM RIBEIRINHA

A riqueza hídrica da região em estudo proporciona e é responsável de certa forma pelo estabelecimento de um cenário valorativo do natural. A existência do mineral manganês e do tálio e as corredeiras como potencialidades para geração de energia hidrelétrica são exemplos dessa importância “repentina” pela paisagem do baixo curso do rio de Ondas além da expansão de chácaras, loteamentos e condomínios. Esse cenário apresenta embates de ideias e valores sobre a natureza que necessariamente não são físicos e sim com uso do poder e hierarquia entre classes sociais.

As mudanças na paisagem ribeirinha estão representadas pelo estilo arquitetônico das segundas residências revestidas com materiais oriundos da indústria da construção. O padrão assimilado destoa explicitamente das moradias dos beiradeiros mais carentes que se utilizam de recursos locais encontrados nas matas, no leito do rio e na manipulação de plantas para seus jardins. Já não mais é possível, em boa parte dos feriados e finais de semana, conseguir uma tranquilidade em relação aos períodos de descanso e encontros familiares. Isso deve-se ao fato da intensidade do fluxo de veículos e de sons de músicas regionais (forró, pagode, sertanejo) possíveis de serem verificados em ambas as margens do rio de Ondas. O quadro demonstra, portanto, que o crescimento econômico de Barreiras impulsionou a necessidade de seus moradores em possuírem uma segunda residência para desfrutarem do lazer e fugirem do estresse urbano.

O tempo livre na contemporaneidade possibilita ao chacareiro o usufruto de paisagens naturais distantes de seu ambiente de trabalho no reencontro com a natureza. Essa postura ainda permite o contato com as populações tradicionais e nelas supostamente encontrar um modo de vida exótico.

Porém, a expansão de chácaras tem alterado a vida dos beiradeiros quando intervenções na paisagem natural resultam numa mudança na qualidade ambiental que se tinha em passado recente. A sra. Dulce Araújo, 61 anos, confirma a hipótese:

Eu amo esse lugar. Pra mim aqui é o melhor lugar do mundo. Se eu vou pra Salvador não me sinto bem e quero logo voltar. Aqui é muito tranquilo, tranquilo, tranquilo, porque é somente família e a gente vive numa paz. O rio é maravilhoso, só que o povo está cavando o rio, estão destruindo as belezas, os chacareiros. Nós aqui não fazemos nada (Informação verbal)⁹.

O relato da Sra. Dulce evidencia um valor diferenciado ao lugar/terra daquele estabelecido pelo mercado imobiliário, chacareiros e pelos agentes especuladores. O lugar novamente é ressaltado pela sua tranquilidade que incorpora os sentimentos da família. Essa consideração tem respaldo em Tuan (1983) ao discutir experiências íntimas com o lugar, afirma o mesmo: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151). Os sentimentos sobre o rio de Ondas são frutos dessa relação de experiência amorosa trazida do íntimo de seus moradores mais antigos.

Essas referências encontradas nos costumes e tradições da população mais antiga do baixo curso do rio de Ondas são paulatinamente esquecidas pelos novos significados que a paisagem e o lugar incorporam. O valor da terra/terreno passa a ser pensado e calculado como lote e supervalorizado por uma classe oriunda do meio urbano. A racionalidade econômica implícita nesse jogo esconde e exclui ao mesmo tempo outras racionalidades.

Wanderley e Menêzes (1996, p. 174) sobre o tema corroboram com uma análise importante:

Os lugares são, portanto, núcleos de valor, que atraem ou repelem em graus variados os indivíduos e os grupos. O neologismo topofilia – “amor humano ao lugar” – é utilizado nas análises de Tuan. No sentido amplo, compreende todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Esse pode ser a causa da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às emoções. A verdadeira topofilia, segundo as suposições do autor, se exercita em dimensões espaciais reduzidas e homogêneas, pois é mais fácil as pessoas se identificarem e se afeioarem a elas, do que às dimensões gigantescas e heterogêneas do espaço.

Na verdade, “o amor pelo lugar é permanentemente revitalizado, através do resgate da memória de modo individual e coletivo. É também através dela que se forma o vínculo com a natureza” (HERCULIANI, 2009, p.34). A valorização da margem esquerda modificou profundamente as relações coesas de identidade com o rio de Ondas. Com a disseminação de chácaras surgiram novas profissões como as de caseiros. Agora, alguns beiradeiros são empregados e possuem funções específicas e remuneradas, pois cuidam do patrimônio do patrão.

Nesse contexto, cada vez mais presente em zonas rurais, Andrade (2010) discute outras dinâmicas proporcionadas pela dualidade rural/urbano. Nessa oposição, pessoas de renda mais elevada que vivem na cidade, passaram a adquirir terras nas proximidades da mesma, construindo granjas, chácaras e sítios com alguma produção agrícola o que denominou de “enclaves urbanos” no meio rural.

Para o chacareiro, Sr. Eudes Santos¹⁰ que adquiriu a chácara entre 1989 e 1990, o lugar é dotado de muitas qualidades naturais e psicoterapêuticas. A partir de então, procurou plantar algumas árvores frutíferas na propriedade criando um lugar para relaxar e cuidar do meio ambiente com a família. Com 34 anos de serviço na prefeitura de Barreiras, pretende ao se aposentar morar definitivamente na chácara: “Pretendo, futuramente, depois de me aposentar, fazer uma estrutura melhor e morar aqui”.

A paisagem natural, nesse sentido, é a responsável pela mudança de hábitos do chacareiro quase toda semana: “o clima é maravilhoso, tem muito pássaro, a gente procura de todas as formas usufruir disso daqui que é uma maravilha”.

⁹ Entrevista realizada em 05/12/2010.

¹⁰ Entrevista realizada em 06/02/2011.

O fato de ter adquirido a chácara não foi somente pela necessidade em gozar o tempo ocioso em ambientes mais tranquilos mas sobretudo em virtude de poder estar próximo ao rio de Ondas. Essa é a razão maior para aproveitar o tempo livre aos finais de semana: “Sem o rio de Ondas jamais eu ia comprar uma área aqui nessa distância”.

Nessa concepção, toda paisagem possui sentido para o observador que a considera como uma forte relação de afetividade ou de distância. Para o chacareiro, as qualidades do clima, ar puro, e da vegetação são as mais destacadas e que devem ser continuamente preservadas sejam pelos nativos ou por outros chacareiros. A paisagem, então torna-se vivida ou não vivida.

Porém, essa mesma distância entre concepções não são totalmente díspares na medida em que os chacareiros vislumbram momentos de sossego e descanso como algo que se perdeu no cotidiano e que os beiradeiros já os possuem. A natureza é, nesse sentido, a própria complexidade inerente a esses lugares ribeirinhos.

Em relação à instalação de pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) em denúncias feitas pelos sindicatos locais, apoiados por ONGs, foram realizados debates com órgãos da Prefeitura de Barreiras, Universidades e no Conselho do Meio Ambiente Municipal (CONDEMA). As reuniões objetivaram conhecer os esclarecimentos alusivos aos interesses das empresas e os possíveis benefícios socioeconômicos advindos da exploração energética por PCHs no rio de Ondas.

A empresa Renova Energia sediada em Salvador, realizou estudos para implantação de uma PCH próximo ao que é conhecido como forquilha do rio, ou seja, encontro dos rios de Ondas e de Pedras. O relevo, nesse trecho, possibilita a formação de corredeiras que, segundo representantes dessa empresa em apresentação ao Conselho de Meio Ambiente Municipal em 23 de outubro de 2008¹¹, oferecem uma excelente condição para gerar um potencial de 30MW/h, bem como aliviar a carga hidrelétrica de Sobradinho no rio São Francisco.

Os representantes da empresa passaram por uma espécie de sabatina e suas respostas geraram dúvidas quanto aos verdadeiros impactos que a PCH causaria. Tanto que a comunidade Vau da Boa Esperança, participando dos debates se posicionou contrária à instalação dessa obra, ao apresentar abaixo assinado das famílias que seriam atingidas pelo projeto. A empresa, até o momento, não manifestou nenhum interesse em continuar com a obra. Possivelmente, a pressão realizada contrariou o planejamento das atividades e favoreceu as comunidades ribeirinhas.

Em mais uma vertente exploratória dos recursos locais, estudos investigativos sobre as potencialidades minerais vêm sendo realizados reforçando o mesmo processo de racionalidade econômica por meio de descobertas de novos materiais. O manganês e o tálio são os principais minérios pesquisados na região. O tálio, segundo divulgação pela empresa Itaoeste, está associado ao manganês e possui amplas utilizações na pesquisa científica, quer seja na aplicação de cabos elétricos supercondutores, quer na medicina com a capacidade de imagear o sistema cardiovascular.

Em caráter ainda investigativo, a exploração efetiva desses minerais depende de licenças do DNPM para que a atividade possa ser iniciada com vistas à exploração de lavras subterrâneas ou superficiais. Entretanto, prevê-se uma mudança no valor da terra, caso sejam confirmadas as propriedades econômicas principalmente do tálio pelos órgãos oficiais. Caso sejam confirmadas essas qualidades, as comunidades terão uma das poucas reservas no mundo a concentrar esse mineral valiosíssimo.

Essa fase vem completar o que foi estabelecido pelos programas de desenvolvimento dos Cerrados na década de 1980, ou mesmo os ciclos econômicos que, ao final do século XIX e início do século XX, caracterizaram a economia barreirense. Do barco a vapor, passando pela extração do látex da mangabeira até a exploração energética e mineral, a modernização vem definindo novos padrões de mercado globalizado que afetam os lugares mais distantes dos grandes centros técnico-científicos.

¹¹ Neste período este autor era membro do Conselho Municipal de Meio Ambiente como representante da Universidade Federal da Bahia.

Para tanto, é necessário considerar e incluir no debate do desenvolvimento a visão das populações tradicionais como conhecimento complexo e singular para a construção de uma nova ciência mais humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As paisagens e os lugares revelam múltiplos cenários que se transformam com o passar dos anos. Para conhecermos a importância da cultura ribeirinha no meio geográfico é necessário adentrar em suas águas quentes e humanizadas. A dinâmica existente entre as ondas do rio reforça a ideia de que a cultura jamais pode ser fechada. Ela é o resultado da herança de muitos outros homens e desses com a natureza ao promover diversos usos e conflitos.

O rio de Ondas é muito mais do que sua fluidez. Suas águas representam simbolicamente alegria, prazer, esperança e sobrevivência. É mensageiro de um repertório de imagens que pode ser lido como um texto por vários leitores. Na verdade, as paisagens surgiram a partir de um olhar sobre a cultura ribeirinha ou beiradeira, representada pelo conflito de ideias e de interesses. O lugar se encontra permeado por laços identitários, mesmo que essas dinâmicas resultantes da valorização da paisagem venham influenciar as práticas e costumes construídos por gerações.

As comunidades tradicionais muitas delas espalhadas no meio do agronegócio, como é a comunidade Vau da Boa Esperança, tentam resistir ao processo massificador da modernização que vem sendo disseminado como salvação de uma região que ainda se encontra, segundo esse mesmo setor da economia, esquecida pelo poder central. A organização política é fundamental para que as comunidades possam exercer o papel de protagonistas nas mudanças sobre o valor das terras e de sua exploração econômica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G. de CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. da C (Org.) **Geografia e cultura – a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: editora Vieira, 2008. 313 p.
- ANDRADE, Manuel Correia de Andrade. **Geografia-rural: questões teórico-metodológicas e técnicas**. Rio de Janeiro, CAMPO-TERRITÓRIO, v.5, n.9, p.5-16, 2010.
- ANDRADE, Manuel Correia de Andrade. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z.(Org.) **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, 180 p.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- CLAVAL, Paul. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, 180 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.;CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- DUNCAN, James S. A paisagem com sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. 180p.
- HERCULIANI, Sueli. **A população tradicional caipira e sua reprodução sociocultural frente às políticas públicas de conservação e os processos de educação – Parque Estadual do Jurupará, Ibiúna – SP**. Tese (Doutorado em Geografia), São Paulo: USP, 2009.

HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista:** Uma contribuição para a Geografia Contemporânea. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano V, n. 10, 2003. p. 113-123.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental** - a reapropriação social da natureza. tradução Luís Carlos Cabral, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

IANNI, Otávio. **A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia.** Petrópolis:Vozes, 1981. 236 p. (coleção sociologia brasileira, v. 8)

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes; ISOLDI, Isabel Araújo. **Identidade territorial quilombola – uma abordagem geográfica a partir da comunidade Caçandoca (Ubatuba/SP).** Presidente Prudente, **Terra Livre**, ano 23, v.2, n.29, ago-dez, 2007. p. 163-180

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo.** In: CORRÊA, R. L e ROSENDAHL, Z. (org.) Paisagem, Imaginário e Espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

RIGONATO, Valney Dias. O modo de vida das populações tradicionais e a interrelação com o Cerrado da Microrregião da Chapada dos veadeiros – O Distrito de Vila Borba. Dissertação (Mestrado em Geografia). Goiânia:UFG, 2005, 117 f.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo (Org.) **Geocologia das Paisagens:** uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: editora UFC, 2004.

SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, 124 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

WANDERLEY, Vernaide; MENÊZES, Eugênia. Do espaço ao lugar: Uma viagem ao sertão brasileiro. In: DEL RÍO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. **Percepção Ambiental:** a experiência brasileira. São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.